

Tradução de textos selecionados da obra de Bertha Pappenheim

Translation of selected texts
from Bertha Pappenheim's work.

Claudia Fernanda Pavan
UFRGS

r e v i s
t a d e l
i t e r a
t u r a
o u t r a
t r a v e
s s i a

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2020.e73270>

Resumo

Bertha Pappenheim ficou mais conhecida pelo seu codinome, Anna O. – o caso que abre a coletânea Estudos sobre a Histeria (1895), organizada por Josef Breuer e Sigmund Freud. Ela foi, contudo, muito mais do que um caso de histeria. No presente trabalho, apresento a tradução do alemão para o português de dois textos que fazem parte da obra Sisyphus Arbeit. Reisebriefe aus den Jahren 1911 und 1912. [Trabalho de Sísifo. Cartas de viagem dos anos 1911 e 1912], publicada pela primeira vez em 1912 e na qual Bertha Pappenheim discute a grave situação de vulnerabilidade das mulheres judias na Galícia e no Oriente Médio. Os textos selecionados foram: Die “Immoralität der Galizianerinnen” (A “imoralidade das mulheres da Galícia”) e Schutz der Frauen und Mädchen. Das Problem in allen Zeiten und Ländern (Proteção das mulheres e das meninas. Um problema pertinente a todos os tempos e todos os países).

Palavras-chave: Bertha Pappenheim; Vulnerabilidade feminina; Direitos das mulheres; Tradução

Abstract

Bertha Pappenheim is best known by her codename, Anna O. - the case that opens the collection Studies on Hysteria (1895), organized by Josef Breuer and Sigmund Freud. She was, however, much more than a case of hysteria. In this paper I present the translation from German into Portuguese of two texts that are part of Sisyphus Arbeit. Reisebriefe aus den Jahren 1911 und 1912 [Sisyphus Work. Travel letters from 1911 and 1912], first published in 1912 and in which Bertha Pappenheim discusses the grave vulnerability of Jewish women in Galicia and the Middle East. The selected texts are: Die “Immoralität der Galizianerinnen” (The “immorality of women in Galicia”) and Schutz der Frauen und Mädchen. Das Problem in allen Zeiten und Ländern (Protection of women and girls. A problem relevant to all times and all countries).

Keywords: Bertha Pappenheim; Women’s vulnerability; Women’s rights; Translation

Apresentação

Bertha Pappenheim é, provavelmente, um nome desconhecido para a maioria dos leitores, mas talvez seu pseudônimo seja mais familiar: Anna O., o caso que abre a coletânea Estudos sobre a Histeria (1996), organizada por Josef Breuer e Sigmund Freud e publicada inicialmente em 1895. O verdadeiro nome de Anna O. nunca é revelado na obra e apenas em 1953, quando o biógrafo de Freud, Ernest Jones, viola o código de confidencialidade, o nome real dessa mulher notável se torna público.

Bertha Pappenheim recebeu o diagnóstico de que sofria de histeria quando tinha apenas 21 anos. Ela vinha de uma família judia-ortodoxa, era extremamente culta e plurilíngue: tinha conhecimentos de alemão, hebraico, iídiche, inglês, francês e italiano. Como lembra Guttman, “é notável que as origens de duas ideias revolucionárias do século XIX - a psicanálise e o feminismo judeu - estejam unidas na história de vida de uma mulher, muitas vezes ignorada ou mal interpretada pelos historiadores”^{1 2}.

Joseph Breuer foi médico de Bertha Pappenheim por dois anos, entre 1880 e 1882. Durante esse período, ele toma nota de suas percepções sobre os sintomas que ela apresentava, atribuindo-os à histeria: doença considerada tipicamente feminina. Entre esses sintomas estão: distúrbios linguísticos – que se manifestavam como afasia ou através do uso de línguas estrangeiras, frequentemente o inglês, ou ainda através da impossibilidade de ler – bem como amnésia, paralisia e insensibilidade corporal. No caso de Bertha Pappenheim, a paralisia era tão severa que ela relatava sentir-se como se fosse uma pedra.³

Nas sessões com Breuer, Bertha Pappenheim mencionava que o tratamento do médico lhe trazia algum alívio: “Ela descrevia de modo apropriado esse método, falando a sério, como uma “talking cure [cura através da fala], ao mesmo tempo em que se referia a ele, em tom de brincadeira, como “chimney sweeping” [limpeza de chaminé]⁴.

1 Guttman, Melinda Given. ‘One must be ready for time and eternity’: The legacy of Bertha Pappenheim, 1996, p. 42.

2 Do inglês: “It is remarkable that the origins of two revolutionary ideas of the 19th century - psychoanalysis and Jewish feminism - should be united in the life history of one woman, too often overlooked or misinterpreted by historians”.

3 Mousel Knott, Suzuko. “Yoko Tawada und das « F-Word » : Intertextuelle und intermediale Prozesse des Romans Ein Gast im feministischen Diskurs”, Études Germaniques, 2010.

4 BREUER apud Freud, Sigmund; Breuer, Josef. Estudos sobre a histeria (1893-1895), 1996, p. 37. Cf. PAVAN, Claudia F. As vozes que habitam a obra de Yoko Tawada: uma tradução comentada do “conto” Ein Gast. 2019.

Embora, nos Estudos sobre a Histeria, Breuer descreva a terapia – e a cura – de Anna O., Guttman revela que Bertha Pappenheim continuou sofrendo dos sintomas já mencionados. No entanto, o papel ativo que passou a desempenhar na esfera pública e social, parece ter contribuído para mantê-los, de certa forma, sob controle⁵. Nesse sentido, é importante considerar que esses sintomas físicos talvez não estivessem relacionados à anatomia feminina e sim representassem a expressão do aprisionamento de um corpo e de uma mente humanos. Tratava-se de uma época em que as mulheres não vislumbravam a menor possibilidade de assumir uma postura própria e independente das determinações e convenções ditadas por uma sociedade prepotente e falocêntrica, nem tinham os recursos, a instrução e o apoio para reconhecer o desejo de se manifestar, de fazer ouvir sua voz⁶.

Bertha Pappenheim foi muito mais do que o caso que abre a famosa coletânea sobre a histeria e que representa o marco inicial da psicanálise. Sua história se estendeu até a terrível época da Alemanha nazista de Hitler, embora ela tenha falecido antes do início oficial da Segunda Guerra Mundial. Ela nasceu em Viena, em 27 de fevereiro de 1859 e faleceu em Neu-Isenburg – cidade alemã, situada no distrito de Offenbach, Hesse, em 28 de maio de 1936.

Reconhecida como a primeira assistente social da Alemanha, Bertha Pappenheim deu início à *Weibliche Fürsorge* - Organização de Assistência à Mulher, voltada ao atendimento de mulheres e crianças e que oferecia ajuda e abrigo a mães solteiras e seus filhos bem como a jovens resgatadas da prostituição. Em 1904, idealizou e foi, juntamente com Sidonie Werner⁷, co-fundadora da *Jüdischer Frauenbund* - JFB [Liga de Mulheres Judias], a primeira organização judaica a lutar pelos direitos das mulheres. Entre os objetivos da JFB estavam: combater o antissemitismo, fortalecer o senso comunitário judaico, melhorar a situação das mulheres e meninas trabalhadoras bem como oferecer-lhes mais oportunidades de formação e combater o tráfico de meninas, especialmente em relação às judias da Europa Oriental⁸.

5 GUTTMAN, Melinda Given. 'One must be ready for time and eternity': The legacy of Bertha Pappenheim, 1996, p. 42.

6 HESS, Simone. *Entkörperungen – Suchbewegungen zur (Wieder-) Aneignung von Körperlichkeit: Eine biografische Analyse*, 2015.

7 Sidonie Werner era professora e, depois de sua aposentadoria, passou a dedicar-se exclusivamente às causas político-sociais. Ela se opunha categoricamente à noção de que o tráfico de meninas poderia ser evitado se apenas cada menina judia recebesse um dote. Acreditava que isso representava, sobretudo, a desvalorização das mulheres. Sidonie Werner defendia, por isso, que o melhor dote para as jovens e mulheres judias era a formação profissional. (Cf. GLEISS Friedrich. *Jüdisches Leben in Segeberg vom 18. bis 20. Jahrhundert: gesammelte Aufsätze aus zwei Jahrzehnten mit über 100 Fotos und Dokumenten*, 2002, p. 110).

8 GLEISS, Friedrich. *Jüdisches Leben in Segeberg vom 18. bis 20. Jahrhundert: gesammelte Aufsätze aus*

Como lembra Guttman, Bertha Pappenheim era uma mulher incansável, apaixonada e destemida, que, apesar da insegurança e do desrespeito aos quais as mulheres eram submetidas na sua época, viajava por todo o Leste Europeu, oferecendo ajuda a crianças e mulheres judias em condições humilhantes, de miséria e desamparo⁹.

Além do seu obstinado esforço em prol de causas políticas e sociais – especialmente em defesa dos direitos das mulheres –, Bertha Pappenheim era escritora e tradutora. Entre suas traduções – nesse caso, do iídiche para o hebraico – estão as memórias de Glueckel de Hamelin, sua ancestral do século XVII. Como escritora, Bertha Pappenheim produziu contos, além de artigos sobre diversos assuntos, entre os quais, a violência desmedida praticada contra as mulheres judias. Escreveu também pequenas histórias nas quais abordou questões relativas à posição da mulher, ao anti-semitismo e à assimilação. Sua obra de maior sucesso, *Sisyphus Arbeit* [Trabalho de Sísifo], foi publicada a partir das viagens que empreendeu pela Europa Oriental entre 1911 e 1912. Durante esse período, ela se encontrou com líderes comunitários, visitou agências de assistência social, kibutzim, escolas, bordéis, hospitais e clínicas especializadas em doenças venéreas. As cartas e palestras que produziu ao longo dessas viagens foram reunidas e publicadas nesse livro, no qual ela discute, sobretudo, a grave situação de vulnerabilidade em que se encontravam as mulheres judias na Galícia e no Oriente Médio naquela época¹⁰.

Loentz sugere que a pouca visibilidade dada às obras literárias de Bertha Pappenheim, as poucas pesquisas realizadas sobre seu trabalho (e, consequentemente, as poucas traduções de suas obras) podem ser atribuídas, ao menos em parte, à íntima relação entre a sua escrita e o seu trabalho social, o que faz com que a crítica literária considere sua obra como parte de uma literatura menor. Loentz lembra, no entanto, que, em vida, Bertha Pappenheim era uma escritora bastante respeitada, especialmente pela comunidade judaica, tendo publicado seus textos em, pelo menos, vinte revistas e jornais. Sua voz era ouvida e exercia grande influência sobre seus leitores e, sobretudo, sobre suas leitoras¹¹.

As ideias, as reflexões, os clamores e as exigências que Bertha Pappenheim faz continuam extremamente atuais, ainda que, por vezes, nos textos traduzidos a seguir,

zwei Jahrzehnten mit über 100 Fotos und Dokumenten, 2002, p. 110.

9 GUTTMAN, Melinda Given. *'One must be ready for time and eternity': The legacy of Bertha Pappenheim*, 1996.

10 LOENTZ, Elizabeth. *Let me continue to speak the Truth: Bertha Pappenheim as Author and Activist*, 2007.

11 Ibidem.

percebiam-se as marcas de um censo de moralidade distinto do que sustentamos hoje. Contudo, sua noção geral de moralidade é bastante atual:

No sentido da questão a ser discutida aqui chamamos de “moral” o fazer ou não fazer algo que pode custar ao indivíduo um esforço ou um sacrifício, mas que beneficia a comunidade como um todo. Chamamos imoral aquilo que pode trazer prazer ou alegria para o indivíduo, mas que é prejudicial para a comunidade em geral. Como o senso do bem comum é inseparável e indissolúvel dos interesses comunitários de ambos os sexos, uma visão unilateral de moralidade com base no gênero sexual nunca pode ser lógica ou justa. E assim, de fato, a dupla concepção de moralidade [...] é uma das maiores injustiças, da qual a civilização deveria se envergonhar¹²¹³.

Tradução

A seguir apresento as traduções do alemão para o português dos textos *Die »Immoralität der Galizianerinnen«* (A “imoralidade das mulheres da Galícia”) e *Schutz der Frauen und Mädchen. Das Problem in allen Zeiten und Ländern* (Proteção das mulheres e das meninas. Um problema pertinente a todos os tempos e todos os países).

A “imoralidade das mulheres da Galícia”

Os senhores falam sem parar da “imoralidade das mulheres da Galícia” como se fosse uma anormalidade excepcional, própria de uma determinada classe de pessoas. Os senhores então não sabem - ou não querem saber - que entre as meninas judias alemãs, que aqui vivem, pode-se observar o mesmo declínio moral - o mesmo declínio que se observa entre todas as meninas que, devido às condições sociais vigentes, tornaram-se moralmente menos estáveis e mais frágeis? No passado, era escandaloso que uma menina judia desse à luz uma criança fora do casamento - um evento que, assim como

12 PAPPENHEIM, Bertha. *Sisyphus-Arbeit*. Reisebriefe aus den Jahren 1911 und 1912. Leipzig: Linder, 1924.

13 Do alemão: “Wir nennen im Sinne der hier zu erörternden Frage »sittlich« jenes Thun oder Lassen, was vielleicht den einzelnen eine Überwindung oder ein Opfer kostet, aber der Allgemeinheit nützt. Wir nennen unsittlich, was vielleicht einzelnen ein Genuß oder eine Freude ist, aber der Allgemeinheit schadet. Da die Allgemeinheit eine untrennbare und unlösliche Interessengemeinschaft beider Geschlechter darstellt, so kann eine einseitig geschlechtliche Auffassung der Sittlichkeitsfrage niemals logisch oder gerecht sein. Und so ist denn thatsächlich die zwiefältige Auffassung der Sittlichkeitsfrage [...] eine der größten Ungerechtigkeiten, deren sich die Civilisation zu schämen hat.”

a renúncia à fé religiosa, transformava-se em tema de romances ou novelas. Hoje em dia, esses casos não são nada incomuns, pelo contrário, ocorrem com muita frequência.

A moralidade das mulheres e meninas judias, esse pilar no qual se baseiam a perseverança indelével e a força regenerativa de nosso povo, está realmente ameaçada, mas não apenas pelas mulheres da Galícia.

Os senhores falaram também, nas duas conferências anteriores, de um perigo iminente, de medidas de proteção □ defensivas e preventivas □ contra as mulheres da Galícia. Ninguém se pergunta, porém, sobre a causa e a extensão do mal. Mas que médico é esse, que deseja curar os sintomas e não pesquisa o tipo e a origem da doença?

Quando se dão ao trabalho de investigar a causa da crescente imoralidade entre mulheres e meninas, ainda que de forma bastante generalizada, os líderes espirituais de todos os credos costumam responder: trata-se de falta de virtude. À primeira vista, parece um argumento válido. No entanto, uma análise mais atenta revela que é o partido reacionário que, sob o apelo à moralidade, sufoca a liberdade pessoal e religiosa para perseguir seus interesses particulares, políticos e específicos. Fenômenos muito óbvios, que não podem ser negados nem pelos clérigos mais rigorosos de qualquer confissão, contrariam o fato de que a “virtude” decrescente leva à crescente imoralidade. Da mesma forma, vemos que a Galícia, o fulcro da ortodoxia judaica, há muitos anos “fornece” à Hungria, à Romênia, a Londres e a muitas cidades da América uma parte significativa de sua demanda de meninas. Nesse sentido, a virtude exigida pelo clero ortodoxo parece ineficaz, assim como é ineficaz sua influência nos asilos de Madalena¹⁴, nos quais as tentativas de melhorar a vida das mulheres que lá buscam abrigo têm se mostrado bastante lamentáveis.

Uma única casa em Chicago, que se dedica a resgatar meninas judias perdidas sem fazer uso de qualquer coerção religiosa, tem resultados melhores em comparação a outras instituições confessionais. Os senhores apresentam ainda uma segunda razão, baseada na crença popular de que as damas, em sua confortável indolência, não se ocupariam com coisas tão sujas, e – segundo essa sua lógica patenteada – os senhores declaram: “As meninas são más porque são más”.

14 N. da T. Asilos de Madalena eram instituições criadas, inicialmente, para acolher mulheres em situação de vulnerabilidade: mulheres com algum tipo de deficiência, vítimas de estupro, mães solteiras, prostitutas, etc. Embora o objetivo inicial fosse o de acolher e ajudar essas mulheres, em muitos desses asilos, as mulheres eram obrigadas a realizar trabalhos físicos pesados, além de serem forçadas a longos períodos de oração e silêncio (Cf. DABHOIWALA, Faramerz. Lust und Freiheit: die Geschichte der ersten sexuellen Revolution, 2014).

Isso simplesmente não é verdade! É verdade que existem maus elementos na sociedade e se atitudes rigorosas não forem tomadas a respeito, a situação só tende a piorar. Mas as meninas que são más hoje são más porque a sociedade as fez ficar assim e enquanto elas vacilavam, enquanto se encontravam na corda bamba entre o bem e o mal não as ajudou a se tornarem boas.

Quando me refiro a ajudar, naturalmente não estou me referindo à caridade, o que entendo por ajuda é: aconselhamento, proteção, encorajamento e concessão de todos os recursos legais e políticos que qualquer ser humano, homem e mulher, precisa para preservar sua existência física e moral. Basta acompanhar a vida de uma dessas pessoas, sobre a qual a opulenta caridade desce seu cajado (casos em que a caridade excessiva torna famílias inteiras enfastiadas e preguiçosas estão naturalmente excluídos). Nasce uma menina, não importa se em Whitechapel, em uma casa dos fundos em Berlim ou em um vilarejo da Galícia. Permitam-me descrever a situação. Fisicamente negligenciados, os sentidos só absorvem percepções que impedem, de todas as formas, o desenvolvimento saudável da criança. Os dormitórios estão superlotados e a luta pela existência é o único propósito de vida da criança. Além disso, os senhores bem sabem como é a dinâmica na educação, na formação e na supervisão: absolutamente insuficiente em relação às exigências que a vida inevitavelmente fará. O que o Estado oferece, na Alemanha, é a escolaridade obrigatória até os 14 anos. Ninguém pode afirmar seriamente que uma menina nessa idade tenha maturidade suficiente para cuidar de si própria e ainda se sustentar. Apesar disso, aos 14 anos, acaba a obrigatoriedade escolar para as meninas, e, em milhares de casos, a necessidade de ganhar a vida chega no mesmo momento. Mas, considerem também os casos mais favoráveis, em que as meninas têm a oportunidade de aprender uma profissão, como costureira, modista, chapeleira, vendedora em uma loja etc. etc. Em todos os campos de trabalho, de operárias de fábrica a professoras e funcionárias públicas, a mulher continua sendo pior remunerada, ainda que tenha o mesmo desempenho do homem. Há salários absolutamente ultrajantes! Se uma menina frágil, com pouca educação e formação insuficiente, descobre que existe uma maneira de levar uma existência despreocupada e confortável, sob aparências tentadoras, é bastante compreensível, e até justificável, que ela escolha não mais suportar o martírio da decência.

Para as meninas da Galícia, a situação é ainda pior: sem obrigatoriedade escolar e consideradas inferiores aos meninos não apenas em termos sociais, como também religiosos, as meninas vão à escola de maneira muito irregular e, se é que se pode falar em instrução, esta é totalmente aleatória. Junta-se a isso o fato de que as meninas ficam noivas ainda na infância. Se, então, sentem uma aversão crescente contra o homem que lhes foi determinado, só têm duas escolhas: ou se refugiam na vida religiosa ou saem

mundo afora, a fim de se entregar, ilegalmente, ao mesmo destino que as aguardava, disfarçado sob o manto da legalidade e do qual tentavam escapar.

O que tentei mostrar-lhes até agora, em linhas muito fugazes, é a justificativa social desses fenômenos que, sob a rubrica da “imoralidade crescente”, dá lugar a múltiplas considerações. Talvez entre as minhas reflexões, os senhores tenham percebido as ramificações da questão sobre a condição da mulher; e talvez, ainda que de forma remota, também tenham percebido os objetivos do movimento das mulheres.

Por sorte, os fenômenos mais extremos, que vêm à tona em alguns momentos da vida comum, assustam também os homens bem-intencionados. Eles veem e reconhecem a magnitude do perigo que a acumulação desses fenômenos representa para o todo; e, no seu meio, as mulheres e suas aspirações já estão crescendo em um número considerável, embora, na maioria das vezes, apenas no que diz respeito a certas reformas externas.

A conexão entre a questão da moralidade e a questão da habitação, do salário, da educação é fácil de compreender.

Mas, se ao tratarmos a questão moral, ficarmos restritos apenas a essas reformas externas, mantendo o ponto de vista da dupla moralidade, continuaremos disseminando a doença. Os senhores da Associação Beneficente Israelita não são os primeiros nem os únicos para quem o aumento da prostituição entre as meninas representa uma preocupação. Do seu meio, surgiu recentemente o seguinte conselho: “Fora com a ralé” – e essa, embora não seja uma visão muito generosa, não é isolada. É estranho, porém, que os homens – mesmo aqueles com formação comercial – não apliquem a lei da oferta e da procura à análise dessa questão.

Essas judias – vendedoras ambulantes, artistas, garçonetes, chapeleiras, modelos, dançarinas de balé e coristas – sim, elas se vendem. O “homem” fica moralmente indignado com isso. Contudo, como elas poderiam se vender se não houvesse compradores? A terrível injustiça reside no fato de que duas pessoas cometem um crime juntas, mas apenas uma delas é culpada por tudo, enquanto a outra é vista como irreprovável aos olhos do mundo. Eu declaro deliberadamente: irreprovável aos olhos do mundo, porque não fica impune de acordo com as leis imutáveis da natureza.

Proteção das mulheres e das meninas. Um problema pertinente a todos os tempos e todos os países

Através dos jornais, ficamos sabendo que não existe comércio de meninas¹⁵, por outro lado, ouvimos que ele pode ser encontrado todos os dias, apenas não é diretamente rastreável. O comércio de meninas é uma forma muito complicada de apoiar ações imorais, atitudes imorais e até mesmo crimes; trata-se de uma tal complicação envolvendo cada um dos indivíduos que não conseguimos encontrar um termo definitivo para defini-lo.

Não há mulher no planeta que não considere uma de suas tarefas mais importantes garantir que a submissão do corpo feminino deixe de ser considerada como algo óbvio e que não faça de tudo para impedir ou diminuir a submissão de um ser humano por dinheiro. Contudo, só é possível aprofundar essa questão se, além do conceito de comércio de meninas, acrescentarmos o conceito da submissão voluntária que é sempre usado como argumento contra nós mulheres quando se trata de prostituição. Os sacrifícios, que chamamos de sacrifícios, são voluntários. Peço que os senhores examinem esse conceito de voluntariedade: se quem é escolhido para se voluntariar dessa maneira sabe qual é o fim, a conclusão, a consequência da sua ação. Se conhecermos a vida, a juventude, a psique dessas meninas, entenderemos o que as levou à prostituição. Em muitos casos, seremos obrigados a admitir que não se pode falar em ação voluntária no sentido de uma decisão livre.

As meninas são imprudentes, pobres, muitas vezes, não têm nem mesmo condições de exercer uma profissão. Além disso, sequer são encorajadas, em seus próprios lares, a encontrar um caminho adequado: elas têm apenas o anseio de sair de casa e talvez uma vontade natural de pertencer a alguém. Não podemos ignorar a vida de uma menina tão inexperiente. Por isso, peço que os senhores entendam que a expressão “comércio de meninas” não está correta. Pode-se comercializar uma galinha ou botas. Não se trata de uma venda nesse sentido. Temos que nos perguntar: quais são as terríveis possibilidades que levam essas jovens à servidão?

Eu gostaria de pedir que os senhores compreendam o seguinte: sem prostitutas, não há bordéis; sem bordéis, não há comércio de meninas. Sem o combate à prostituição, não pode haver combate ao comércio de meninas. Peço, por favor, que não me digam que a prostituição sempre existiu como desculpa para não querer combatê-la. Por que os senhores não dizem a mesma coisa quando um relógio lhes é

15 N. da T. Optei por utilizar a expressão “comércio de meninas” no lugar de “tráfico de meninas” ao longo de todo o texto para evidenciar o sentido comercial presente na expressão alemã *Mädchenhandel*, criticado por Bertha Pappenheim no texto.

roubado que os ladrões sempre existiram, por que então condená-los? Então, por que dizer que a prostituição sempre existiu?

A sociedade cristã está inclinada a dizer que o comércio de meninas é um fenômeno judeu. Precisamos rejeitar essa concepção vigorosamente! Frequentemente ouvimos judeus ocidentais dizerem que o comércio de meninas é um fenômeno do Oriente, que tal coisa não existe no Ocidente. Creio que não haja nada que diga respeito apenas a uma parte dos judeus e não a outra. Precisamos ver as coisas como elas são. O que estou dizendo hoje, já disse há vinte anos. O que me entristece não é o fato de ter dito isso há vinte anos, mas que tenha de dizê-lo novamente hoje. Uma pessoa pode dizer o que quiser, pode gritar para o mundo, mas se não for ouvida, se ninguém captar suas palavras, de nada adiantará. A acusação de que é preciso dizer a mesma coisa repetidamente é uma acusação para os judeus ocidentais, pois não ajudaram os judeus orientais. Se quisermos manter a expressão “comércio de meninas”, gostaria de dizer que, no caso do comércio de meninas, assim como em qualquer outro comércio, é necessário distinguir três termos: fornecedores, mercadorias e consumidores.

Como judeus, devemos, onde quer que judeus vivam juntos, onde quer que se encontrem, ter o desejo de educar uns aos outros. Devemos ter cuidado para impedir ilicitudes: os parasitas devem ser levados à justiça, para que os justos não tenham de pagar pelos erros dos injustos. Se nenhum de nós levanta a voz para denunciá-los, tornamo-nos seus cúmplices e colaboradores. As mulheres não devem ter medo de expor condutas impróprias e de entregar à justiça quem as comete. As pessoas da nossa comunidade que se comportam de maneira inadequada devem ser denunciadas publicamente. Gostaria de lembrar os senhores rabinos que não devem convidar tais pessoas para a leitura da Torá: não devemos deixar nossos filhos casarem em famílias que não se mantêm salutarese esse é o nosso dever e nossa responsabilidade.

Passemos agora para as mercadorias. As mercadorias são as meninas, as pobrezinhas: vão envelhecer, como todos nós: inicialmente são bonitas, mas logo não mais o serão. Sem instrução, talvez tirando seu conhecimento apenas de romances, elas se entregam a todos os tipos de tentações. Quando são abandonadas por um homem, ficam envergonhadas e se entregam a outro. Talvez engravidem e tenham filhos, e essas representam ainda os casos menos graves.

Uma verdadeira montanha de deveres se encontra diante de nós; devemos ter nossos olhos abertos e nossos ouvidos atentos o tempo todo. Precisamos ter cautela para reconhecer onde está a culpa. Se encontramos jovens que vendem suas vidas por um par de meias ou um ingresso para o cinema, precisamos proporcionar um novo sentido às suas vidas. Precisamos nos perguntar: é justo que as filhas dos mais abastados tenham essas coisas em abundância, exibam-nas e despertem, assim, a inveja dos mais pobres? Se uma jovem não pode ir ao café com o pai ou o irmão, então

irá com algum outro homem. Devemos primeiro deixar claro para as mulheres da nossa própria família qual o sentido da alegria de viver. Temos que organizar nossas vidas de tal forma que aqueles que não são tão instruídos e nem compartilhem de nossos interesses não sintam o desejo de ter a mesma vida que nós temos. Assim como cuidamos da nossa própria filha, como tentamos protegê-la, temos de proteger as filhas dos outros.

O consumidor no comércio de meninas é obviamente o homem. Se não fosse o homem, que deseja a mercadoria, que afirma precisar dela, seria como com qualquer outra mercadoria: ela não teria saída. A mesma lei de oferta e procura se aplica aqui como em todas as outras áreas do comércio.

É nosso dever fazer com que nossos filhos, maridos e todos os homens com quem temos contato compreendam que devem respeitar as pessoas jovens e que devem boicotar os consumidores. Estou certa de que muitos de vocês rirão; são aqueles que encaram essas coisas com frivolidade. Mas os senhores precisam tentar se livrar dessa frivolidade. Se nos deixarmos embrenhar por esse caminho, não conseguiremos sair dele tão cedo.

Estamos aqui para pôr as mãos à obra. Lutamos pela mesma moral para homens e mulheres. É nossa responsabilidade moral compartilhar o conhecimento no Oriente, ainda mais do que no Ocidente, onde isso é feito através dos jornais. Acima de tudo, a vida familiar adormecida precisa ser reanimada.

Existe uma moral judaica, a qual os judeus deram à luz. Temos de cumprir essa missão; quando nos levantamos e quando nos deitamos, temos de nos lembrar dela; queremos falar a língua do mundo inteiro, para que possamos levá-la a todas as pessoas. Com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa razão. Ai daqueles cuja consciência está adormecida!

Considerações finais

Espero ter demonstrado, neste trabalho, a importância de garantir visibilidade e voz a mulheres como Bertha Pappenheim. Muito já se alcançou em relação aos direitos das mulheres quando comparamos nossa época à época retratada nos textos traduzidos neste trabalho. Bertha Pappenheim, com suas convicções, seus esforços e seus textos, colaborou para essas conquistas.

Especialmente na época em que vivemos, é fundamental lembrar o passado, aprender com ele, considerar o que já mudou e o que ainda precisa mudar e – acima de tudo – é fundamental lembrar o passado para não repeti-lo.

Referências

DABHOIWALA, Faramerz. *Lust und Freiheit: die Geschichte der ersten sexuellen Revolution*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2014.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: Freud, Sigmund; Breuer, Josef. *Obras completas 2*. Trad. Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GLEISS, Friedrich. *Jüdisches Leben in Segeberg vom 18. bis 20. Jahrhundert: gesammelte Aufsätze aus zwei Jahrzehnten mit über 100 Fotos und Dokumenten*, 2002.

GUTTMAN, Melinda Given. “‘One must be ready for time and eternity’: The legacy of Bertha Pappenheim”. *On The Issues*, v. 5. n. 4, 1996.

HESS, Simone. *Entkörperungen Suchbewegungen zur (Wieder-) Aneignung von Körperlichkeit: Eine biografische Analyse*. Heidelberg: Springer-Verlag, 2015.

LORENTZ, Elizabeth. *Let me continue to speak the Truth: Bertha Pappenheim as Author and Activist*. Hebrew Union College Press, 2007.

MOUSEL KNOTTKnott, Suzuko. “Yoko Tawada und das «F-Word»: Intertextuelle und intermediale Prozesse des Romans *Ein Gast* im feministischen Diskurs”. *Études Germaniques*, v. 259, n. 3, p. 569-580, 2010.

PAPPENHEIM, Bertha. *Sisyphus Arbeit. Reisebriefe aus den Jahren 1911 und 1912*. Leipzig: Linder, 1924. 238 p.

PAVAN, Claudia Fernanda. *As vozes que habitam a obra de Yoko Tawada: uma tradução comentada do “conto” Ein Gast*. 2019, 111f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

Submissão:09/04/2020

Aceite: 10/06/2020

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2020.e73270>

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0